



UFAL
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA



caderno de Urbanismo e Arquitetura

PERTENCE A: SIMONE RACHEL

ADQUIRIDO - 14/8/98



departamento de arquitetura da ufal
1989

PERTENCE AO
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO
DEPTO DE ARQUITETURA
CTEC - UFAL

arquitetura e poesia



leonardo bittencourt

APRESENTAÇÃO

O texto que se segue representa a síntese das reflexões surgidas quando da realização do Curso de Especialização em Produção do Espaço, promovido pelo Departamento de Arquitetura da Universidade Federal de Alagoas, e coordenado pelo Prof. Geraldo Magela Faria.

PARA ABRIR O ESPÍRITO

"O filósofo intelectualista que quer manter as palavras na precisão de seu sentido, que toma as palavras como mil ferramentzinhas de um pensamento lúcido, não pode deixar de espantar-se diante das temeridades de um poeta. Entretanto, um sincretismo da sensibilidade impede que as palavras se cristalizem em sólidos perfeitos.

Uma ambivalência nova permite à palavra entrar não só nos pensamentos, mas também nos devaneios. A linguagem sonha.

O espírito crítico nada pode fazer contra isso. É um fato poético que um sonhador possa escrever que uma curva é "quente". Acreditava-se que Bergson não ultrapassava o "sentido" atribuindo à curva a graça e, sem dúvida, à linha reta a firmeza? Que fazemos demais se dizemos que um ângulo é frio e uma curva é quente? Que curva nos acolhe e que o ângulo agudo nos expulsa? Que o ângulo é masculino e a curva feminina? Um nada de valor muda tudo. A graça de uma curva é um convite a habitar. Pode-se fugir dela sem esperança de retorno. A curva amada tem os poderes do ninho; é um apelo à posse, ela é um canto curvo. É uma geometria habitada. Nela, estamos num mínimo do refúgio, no esquema ultrasimplificado de um devaneio do repouso. Só o sonhador que percorre caminhos arredondados para contemplar conhece essas jóias simples do desejo desenhado." (1)

INTRODUÇÃO

Nos últimos vinte anos a arquitetura procura se redefinir. Surgem as arquiteturas bioclimática, pós-moderna, e outras mais. Todas com uma postura crítica em relação ao que se produzia, e ainda se produz, em termos de arquitetura. Mas, todas elas, dotadas de propostas localizadas em algum setor do conhecimento: o conforto ambiental, a estética arquitetônica, a tecnologia construtiva, etc.

A compreensão de que sendo a arquitetura produzida pelo homem e para o próprio homem, ficará compartimentada toda vez que não houver uma abordagem do ser humano de forma abrangente e integrada. Sob esse prisma, a definição clássica da arquitetura como sendo o abrigo contra os rigores do clima, precisa ser ampliada considerando também o espaço como abrigo das necessidades oníricas e psicológicas do homem. E entre essas necessidades encontram-se a arte e a poesia.

Ao que parece, no entanto, essa evidência não se encontra tão presente nas mentes dos arquitetos, dos estudantes de arquitetura e menos ainda nas daqueles que procuram os serviços de um arquiteto. Além disso, a complexa gama de valores imbricados na construção de uma obra arquitetônica (custos, segurança, privacidade, tecnologia disponível) empurra a poesia arquitetônica a um espaço secundário. O curioso, porém, é que quando ela existe, é saboreada com intenso prazer.

Nesse sentido, mais que estabelecer novos cânones para uma arquitetura pós-moderna, ou quaisquer outras, seria de fundamental importância compreender as reais necessidades do homem como um todo.

A BASE MATERIAL

Uma das falhas mais frequentes no debate sobre a teoria e estética arquitetônica é o tratamento dado ao problema da relação do ser humano com a realidade concreta. A quase totalidade da literatura sobre esse assunto possui essa limitação uma vez que tende a separar o processo estético do resto da experiência humana, como se se tratasse de um problema de pura lógica.

Assim, continuamos discutindo os edifícios como se os impactos provocados sobre nós fossem, exclusivamente, fenômenos visuais. (2)

James Fitch foi categórico ao afirmar que "a arquitetura -assim como o homem- está totalmente submersa no meio ambiente natural exterior. Não pode nunca ser apreciada, sentida, experienciada de nenhuma forma fora de sua multidimensional totalidade. Qualquer mudança em um aspecto ou qualidade deste meio ambiente, inevitavelmente afeta nossa percepção e nossa resposta para o resto dos fatores envolvidos na questão. O reconhecimento desse fato é crucial para a teoria estética, e está acima de todas estéticas arquitetônicas". (3)

O relacionamento do homem com o espaço se dá em dois níveis: o metabólico e o perceptivo. Os dois estão indissolivelmente conectados, sendo o nível metabólico a base material da consciência. (4)

O conforto humano é de suma importância para o usuário de qualquer espaço arquitetônico. Mais do que isso, é condição indispensável para que a fruição estética possa se manifestar em sua total intensidade. Não seria prejudicada a apreciação de um filme em um cinema ^{que} estivesse com sistema de ar condicionado sem funcionar?

Por outro lado, um ambiente apenas confortável não satisfaz todas as nossas necessidades.

Nas duas últimas décadas, a retomada dos princípios arquitetônicos que procuram integrar a cidade e o edifício em seu meio ambiente passou a ter um destaque especial nos meios de comunicação (periódicos, livros, seminários, etc) e mesmo na produção arquitetônica vigente.

relação homem/meio ambiente) cresce em sua difusão aproveitando-se da crise energética mundial aliada ao esvaziamento dos princípios da arquitetura moderna e da falência do "international style" (que pregava a universalização da arquitetura não importando em que local do planeta o edifício se localizasse).

O desenvolvimento da arquitetura bioclimática aliando conhecimentos vernaculares à avançada tecnologia disponível encantou e ainda encanta, uma boa parte dos arquitetos pelo potencial ainda pouco explorado que esse tipo de concepção encerra em seu bojo. Aqui o conhecimento dos homens, de suas necessidades fisiológicas e culturais passam a ter relevância dentre os condicionantes principais do partido arquitetônico.

Ao mesmo tempo o conforto ergonômico passa igualmente a ser considerado como fundamental, em particular no que se refere a adequação das dimensões dos componentes arquitetônicos e suas relações com os usuários locais. Também aqui as dimensões "universais" do Modulor de Le Corbusier não se apresentam mais como válidas.

Vive-se a época da adaptação do edifício ao seu entorno ambiental e ao homem que o utilizará. E não mais da natureza e do homem ao edifício.

Entretanto, o radicalismo natural que toda tendência emergente encarna, é responsável, em boa parte, pelas distorções que já se fazem notar em algumas obras arquitetônicas consideradas bioclimáticas.

Aqui as melhores formas são aquelas que dão melhor rendimento energético. As melhores aberturas são aquelas que captam melhor os elementos do clima para otimizar o desempenho térmico e lumínico da edificação. A beleza plástica e o desfrutar de uma bela vista passam a ser encaradas como "frescuras estéticas".

Certa vez, conheci um indivíduo que "morava" num cubículo de aproximadamente dez metros quadrados. Esse sujeito possuía um aparelho de som de boa qualidade e grande potência (sei disso porque o som que ele produzia acordava a vizinhança todos os sábados às sete horas da manhã), e de uma discoteca razoável em termos quantitativos. Nos fins de semana, passava o dia ouvindo música, cantando e tomando umas e outras com os amigos do cortiço onde morava. O

que levaria esse homem a comprar discos e um equipamento de som tão caro quando lhe faltavam tantas outras coisas "mais importantes".

O que nos leva a cometer a "loucura" de comprar uma tela caríssima? Ou de varar a noite lendo um livro apaixonante "na hora de dormir"? Ou o que leva milhões de pessoas a ouvirem música, lerem livros, irem ao cinema e ao teatro? Certamente são as "frescuras estéticas".

A procura de uma arquitetura realmente adaptada ao homem, deverá observar que, embora os princípios e diretrizes de uma arquitetura bioclimática sejam bases fundamentais do ser humano, este não se esgota no seu conforto. Vai mais além. O homem precisa sonhar, ter fantasias, sentir prazer. Precisa conversar com o universo, se relacionar intensamente com ele. O homem tem medos e paixões, sente alegrias e tristezas. Sente saudade e ternura, se emociona. O ser do homem vai mais além. Vai de encontro à arte e ao espaço da poesia. Procura a poesia do espaço.

PERTENCE AO
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO
DEPTO DE ARQUITETURA
CITEC - UFAL

POESIA, IMAGINAÇÃO E SIMBOLISMO

O poeta é um fingidor
finge tão completamente
que chega a fingir que é dor
a dor que deveras sente

Fernando Pessoa

A poesia poderia ser entendida como uma expressão simbólica, através da qual exploramos a maior das características humanas: a imaginação. Seria o fio de comunicação entre o consciente e o inconsciente, entre os desejos e os seus instrumentos de repressão, entre a profundidade e a superficialidade mental, entre o selvagem e o civilizado, entre a intuição e a razão.

Na poesia a loucura é sadia. Paulo Vanzolin pôde dizer que andou sobre as águas como S. Pedro, e como Pôncio Pilatos foi aos ares sem medo, sem precisar explicar que não estava louco. Ao contrário, muito sadio, compreendia a forma de se comunicar poética e simbolicamente com seus ouvintes.

Salvador Dali pintou mesas ^{onde} saíam membros humanos e este delírio foi compreendido, através de mecanismos simbólicos, por aqueles que tiveram o prazer de observar essas imagens.

Segundo Freud, a psicanálise "reconhece também no exercício da arte uma atividade encaminhada a mitigação de desejos insatisfeitos, e isso, tanto no artista criador como logo no espectador da obra de arte. As forças impulsoras da arte são aqueles mesmos conflitos que conduzem outros indivíduos a neurose e fez com que a sociedade fosse levada a criar suas instituições". (5)

Ainda segundo Freud "o artista busca, em primeiro lugar a sua própria liberação, e consegue comunicando sua obra aqueles que sofrem a insatisfação de desejos iguais" (6). Isto caracterizaria a transubjetividade, ou seja, a subjetividade de uma pessoa tocando a subjetividade de outra. A teoria psicanalítica sustenta que a arte constitui um domínio intermediário entre a realidade, que nos nega a satisfação de nossos desejos mais íntimos, e o mundo da fantasia (o imaginário), que nos proporciona a satisfação desses desejos. (7)



Como uma cultura é formada, entre outras coisas, por instituições que se relacionam com os desejos reprimidos de uma determinada sociedade, é fácil compreender porque indivíduos que partilham culturas similares possam se identificar melhor a nível artístico.

Para que haja uma perfeita percepção poética, precisamos nos desvencilhar, nem que seja por um instante, da objetividade racional com a qual costumamos tudo compreender. "Num único verso, ou pintura, tanto psiquismo poderá se transferir a um objeto que um leitor preso a objetividade verá nele não mais que uma alucinação: "A porta me pressente, ela hesita." (8)

A arte enquadrada dentro da estética formal (gestalt objetual) pode nos dar a sensação de equilíbrio, de ordem, de bom comportamento, sem despertar, no entanto, nenhuma emoção nem tampouco possuir carga poética alguma.

Segundo Bachelard (9) a imagem poética é um súbito relevo do psiquismo. E a poesia "é um compromisso da alma, e, em sua função maior, nos faz reviver a situação dos sonhos".

A imaginação é o passaporte para os sonhos. Através dela entramos e saímos em todo e qualquer delírio que a oportunidade sugerir. É, por natureza, o lugar da criação e a fonte da poesia, embora não seja ela mesma. É através do imaginário que as coisas se revestem de sentido.

Um único objeto poderá ter várias significações em si mesmo. Os gregos acreditavam que a beleza de uma escultura estava na própria escultura, sendo fruto de suas proporções, materiais, texturas, etc. Não é difícil perceber, no entanto, que vários indivíduos poderão entender significações diferentes em um mesmo objeto. Nesta ótica pode-se concluir que o que daria significado às coisas seria o sujeito e não mais o objeto em si. A centralidade, neste último caso, estaria localizada no sujeito.

No entanto, um mesmo sujeito poderá observar e sentir um mesmo objeto de formas as mais variadas possíveis dependendo da relação que se dê entre ambos. A relação de um homem com sua casa é o que revestirá de sentido os espaços que ele habita. "A casa e o universo não são simplesmente dois espaços justapostos. No reino da imagina-

ção, animam-se mutuamente em devaneios contrários. O espaço habitado transcende o espaço geométrico". As experiências de vida são referências constantes e "todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova". (10)

A imaginação se constitui no mecanismo mental através do qual damos vazão aos nossos desejos reprimidos. Os sonhos e devaneios (mesmo os poéticos) têm origem na imaginação. São mecanismos de compensação das frustrações a que somos submetidos, que usufruem a imaginação em todo o seu potencial criativo. Para a imaginação não existem limites. Um sujeito negro pode aparecer loiro e um anão pode atingir dois metros de altura. Um filho pode matar o pai e se casar com a própria mãe. Um pobre pode se tornar milionário e uma pessoa rica se encontrar mendigando na porta de sua própria empresa. Pode sentir, pelo mesmo mecanismo, a carícia do vento nos cabelos e beijo quente do sol na pele. O poeta é alado. A ele as leis não se aplicam. Pode ser serpente e ser fruto, mudar de forma e de cor, mudar de cheiro e sabor. O poeta mergulha na fantasia, flutua na poesia.

O Símbolo

PERTENCE AO
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO
DEPTO DE ARQUITETURA
CTEC - UFAL

As vivências são marcas indelévels que se fazem presentes em nossa relação com os espaços em que habitamos. E elas se manifestarão através do nosso imaginário e dos símbolos por ele criados.

Encarando-se o símbolo como intermediário entre a imaginação e a realidade não é difícil perceber que nele se operam "associações psicológicas, psicanalíticas e poéticas" com a conseqüente transposição para objetos, de sentimentos humanos. Sendo o símbolo fruto do sentido adquirido através da relação do sujeito com o objeto, vê-se que ele transcende o objeto. Neste particular é curioso se observar que um mesmo espaço pode adquirir caracteres opostos, dialéticos.

Bachelard cita o exemplo da choupana (simbolizando o simples, o rústico) e do castelo (o complexo, o refinado) como desejos opostos co-existentes dentro de cada um de nós e pergunta: Quem de nós não tem suas horas de choupana e suas horas de palácio? (11)

O papel dos elementos simbólicos na relação do homem com o mundo foi fartamente explorado por Carl Gustav Jung. O resultado desse trabalho está condensado num livro concebido e organizado por Jung, mas que conta com a participação de vários colaboradores adeptos do pensamento jungiano. A publicação, intitulada "O Homem e Seus Símbolos", inclui um capítulo sobre o simbolismo nas artes plásticas, de autoria de Aniela Jaffé.

Jung demonstra como durante vários períodos da história a "mandala", elemento gráfico dotado de grande carga simbólica, serviu de base para a construção de vários edifícios e para o traçado do desenho urbano de várias cidades.

Paul Klee observou que "o objeto expande-se além dos limites de sua aparência pelo conhecimento que temos de que ele significa mais do que o vemos exteriormente, com nossos olhos"(12) e Jean Bazaine afirmava que "um objeto desperta o nosso amor simplesmente porque parece ser portador de forças maiores que ele mesmo"(13). A partir dessas afirmativas Jung observa que o "espírito" que se encontra animando as obras de arte nada mais é que nosso inconsciente, uma vez que o homem tende a preencher o inexplicável e o imponderável com o seu inconsciente.

A carga simbólica passa a ser mais intensa quando a imaginação flutua, solta nos devaneios, até alçar vôo rumo a poesia. Embora o passado e as experiências individuais possam ser as mais diversas possíveis é no canal poético que elas se fundem e se identificam como sensações universais (quem sabe?) acima das culturas e da razão. A "imagem poética" é o ponto crucial do efeito que a poesia produz. Não importa o sujeito nem o objeto em si, mas a imagem resultante da relação entre ambos.

POESIA E ARQUITETURA

Uma casa feita no coração.

Minha catedral do silêncio

Cada manhã retomada em sonho

E cada noite abandonada

Uma casa coberta pela alba

Aberta ao vento da minha felicidade - Jean Laroche

Como tentei demonstrar no item anterior, não é difícil compreender que a poesia utiliza o simbolismo, ou seja, a identificação e/ou transposição de sentimentos para objetos, para através da imaginação carregar de valor emocional as relações que se dão entre os indivíduos e o mundo, no qual se encontra inserido, criando a imagem poética.

Portanto, na relação do homem com os espaços que utiliza para morar, trabalhar, se divertir e sonhar, a carga simbólica estará sempre presente. Tanto no sentido das coisas que lhe dão prazer como das que lhe causam desprazer. É comum a observação do tipo "não sei o que tem esse lugar que me perturba tanto". Ou ainda, "gosto muito desse canto da sala".

A teoria psicanalítica considera que a casa possui um simbolismo de útero. É o abrigo que nos protege, nos dá segurança tanto física como psicológica.

De certa forma, os outros edifícios também possuem esse símbolo de abrigo embora de forma menos intensa.

Muitas vezes, nós arquitetos não compreendemos porque algumas pessoas querem suas casas "excessivamente" seguras, com espessas esquadrias, grades enormes e paredes reforçadas. Não compreendemos como uma simples goteira pode despertar sentimentos de vulnerabilidade e de insegurança significativos; nem como um pergulado pode suscitar imagens de integração entre o homem e a natureza.

Essas seriam necessidades simbólicas de ordem psicológica. No entanto, mais que abrigo físico e psicológico, a arquitetura precisa ser o abrigo dos sonhos, o espaço onde o devaneio encontra lugar para existir, onde a imagem poética pode se fazer plena. Onde a estrutura física do edifício e da cidade possam conversar, ser cúmplices de seus habitantes, intermediados pelo fato poético. Só

aí a obra deixará de ser construção para atingir o estágio de arquitetura. A matéria inerte canta, e se insinua aos usuários dos espaços arquitetônicos, ora sensual, ora feérico, às vezes místico às vezes monumental.

Caston Bachelard (14) comentou que "a casa natal, mais que um protótipo de casa, é um corpo de sonhos. Cada um desses redutos foi um abrigo de sonhos. E o abrigo muitas vezes particularizou o sonho. Nela aprendemos hábitos de devaneios particulares. A casa, o quarto, o sótão em que estivemos sozinhos, dão os quadros para um devaneio interminável, para um devaneio que só a poesia poderia, por uma obra, acabar, perfazer. Se damos a todos esses refinamentos sua função que foi abrigar sonhos, podemos dizer que existe para cada um de nós uma casa onírica", e lembra que "é necessário mostrar que a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos".

Casa, deusa da pradaria, ó luz do entardecer,
De súbito alcanças uma face quase humana.
Estás perto de nós, abraçando, abraçados.

Rainer Maria Rilke

Podríamos refletir sobre a imagem poética que em nós desperta os caminhos. As imagens suscitadas pelos caminhos estreitos e tortuosos são completamente diferentes daquelas proporcionadas pelas largas avenidas. Os caminhos diariamente percorridos que aos poucos vão se modificando; onde a cada dia uma construção pesada esmaga uma árvore e recorta um pedaço do céu.

As envazaduras também possuem uma carga simbólica grande. Não seriam as janelas, os olhos da construção? Através delas vemos o mundo, apreciamos o percurso da lua, recebemos os raios de sol em períodos úmidos. Podemos cerrá-las quando queremos nos fechar em nossa intimidade. Ao despertar abrimos as "janelas" para ver a manhã.

A arquitetura como construir portas de abrir
Ou como construir o belo
Construir não como ilhar e prender
Construir portas abertas, em portas
Casas exclusivamente portas e tetos
O arquiteto: o que abre para o homem

(tudo se sanearia desde casas abertas)
 portas por onde, jamais contra;
 por onde livres: ar luz razão certa.

João Cabral de Melo Neto

A curva é quente, emocional. É acochegante e sensual. O ângulo agudo é ácido, tempestivo, penetrante, incisivo. A reta é serena, racional. É firme e estável. Entretanto, esses elementos isoladamente não passam de repertório de uma linguagem maior. Uma linguagem simbólica que procura transmitir uma imagem onírica: a poesia arquitetônica, importantíssima, e, apesar disso, relegada a um plano secundário pelos arquitetos.

No entanto, há que estar atento para as advertências lançadas por James Fitch enfatizadas no início deste trabalho. É de fundamental importância encarar o fenômeno arquitetônico dentro de sua multidimensional totalidade da qual a arte e a poesia são importantes elementos. Tentei caminhar a partir de uma base material rumo a importância da inclusão da necessidade poética dentre os principais condicionantes do partido arquitetônico. Como a área física da arquitetura já se encontra bem trabalhada, optei por explorar mais a fundo o aspecto imaterial da arquitetura.

Por tudo que tentei expressar nas páginas anteriores, acredito ser da maior importância que os espaços arquitetônicos despertem em nós a poesia latente que todos temos e que em nome de uma cultura "científica" e racional permanece sufocada. A reflexão sobre a produção do espaço arquitetônico buscando atingir o homem em sua totalidade, pode crescer no sentido de se construir uma arquitetura mais próxima das íntimas necessidades humanas e mais distante de modismos superficiais e passageiros. Poderá então, ser fartamente diferenciada como o são as pessoas, sem as rédeas de princípios reguladores e normas pré-estabelecidas.

Pretendi, com este texto, apenas lançar uma semente (provocativa, com certeza), sem esquecer que dentro de toda semente existe uma flor, que espera, sem pressa, que a semente germine, que a planta amadureça, até que surja o momento de exhibir sua delicada beleza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) - BACHELARD, Gaston - A poética do espaço, Ed. Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, Rio de Janeiro, 1974. p. 451.
- (2) - FITCH, James Marston - American Building, The Environmental Forces That Shapes It- New York, Shoken Books, 1976, 2ª ed. p.1.
- (3) - FITCH , Op. cit., p. 1
- (4) - FITCH , Op. cit., p.2
- (5) - FREUD, Sigmund - Multiple interés en psicanalisis, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1973, 3ª ed. p.1864 e 1865.
- (6) - FREUD, Op. cit., p.1865.
- (7) - FREUD, Op. cit., p.1865.
- (8) - BACHELARD, Op. cit., p.500
- (9) - BACHELARD, Op. cit., p.334
- (10) - BACHELARD, Op. cit., p. 358
- (11) - BACHELARD, Op. cit., p.395
- (12) - JUNG, Carl Gustav - O homem e seus símbolos - Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1964, 7ª ed. p.254
- (13) - JUNG, Op. cit., p.254
- (14) - BACHELARD, Op. cit., p.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston - A poética do espaço - Ed. Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, Rio de Janeiro, 1974.

FISCHER, Ernst - A necessidade da arte, Zahar Editores, 9ªed., Rio de Janeiro, 1983.

FITCH, James Marston - American buiding, the environmental forces that shapes it - New York, Shoken Books, 1976, 2ªed.

FREUD, Sigmund - Multiple interés en psicoanálisis, Obras completas, Editorial Biblioteca Nueva, 1973, 3ª ed.

JUNG, Carl Gustav - O homem e seus símbolos - Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1964, 7ª ed.

OSTROWER, Fayga - Criatividade e processos de criação, Ed. Vozes 5ª ed, Petrópolis, 1986.

EHRENZWEIG, Anton - Psicoanálisis de la percepción artística - ed. Gustavo Gili, Barcelona, 1975.



APOIO CULTURAL

Habitacional Construções S / A